

CONNEL, Raewyn. *Gênero em termos reais*. Tradução Marília Moschkovich. São Paulo : Inversos, 2016, 272 p.

Tânia Regina Zimmermann^(*)

A trajetória da socióloga australiana Raewyn Connell coaduna com a grandeza contributiva de seus estudos de gênero, a começar pelo seu trabalho sobre masculinidades o qual tem sido uma das referências basilares nos debates acadêmicos no tempo presente. Raewyn Connell é de Sydney, Austrália formada em História na Universidade de Melbourne em 1966 e doutora em Ciências Sociais, pela Universidade de Sydney em 1970. Após a morte de sua parceira Pam, Connell iniciou a mudança de gênero com mais de 60 anos de idade. Nesse processo, Connell alterou seu nome, de "Robert William" para "Raewyn", e passou a publicar suas novas obras com essa assinatura, além de reeditar os livros antigos. Atualmente Raewyn Connell é professora catedrática da Universidade de Sydney.

Como característica de Connell surge em cada escrito uma equivalência entre pesquisa empírica e teoria e especialmente nesta obra uma posição privilegiada na observação do gênero em uma perspectiva do norte e do sul. Aqui emergem conceitos como corporificação e ontoformatividade ancorados em uma pesquisa das relações de gênero no cotidiano, nas políticas públicas e na escala global.

Esta obra inicia a análises sobre as desigualdades globais nas quais a colonialidade de gênero coadunam com as limitações do sul global. As realizações democráticas em ambos os lados do Atlântico foram herdeiras das lutas feministas e LGBT que começaram frequentemente sob regimes políticos repressivos, sobretudo na América Latina. De acordo com as feministas Gloria Anzaldúa e María Lugones, as estruturas de dominação colonial continuam a oprimir em nossos dias no nível econômico neoliberal e epistêmico, particularmente nos discursos sobre gênero e / ou sexualidade inclusive das feministas liberais. Patriarcado e heteronormatividade ainda são penetrantes.

A América Latina perpetua de alguma forma o legado das forças coloniais e patriarcais que silenciaram outras etnias, outros modelos sociais e outras possibilidades de viver o corpo, gênero e / ou sexualidade. Daí a necessidade de pensar gênero a partir do sul. Na América Latina, as ideias modernizadoras do norte de caráter colonizatório e intervencionista debilitou as vidas comunitárias e

^(*) Professora Doutora do curso de História da Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul.

autônomas, irrompendo a vida local em nome de uma globalidade gerando dependência. O colonizador neoliberal ofereceu o discurso igualitário coadunado com os princípios do individualismo no qual subjaz o racismo que submete mulheres e homens não brancos a dominação e as desigualdades de toda a ordem.

A primeira sessão “Dinâmicas do Gênero” nos insere nas discussões pouco reverberadas sobre a corporificação social, ontoformatividade e as deficiências. A corporificação é entendida pela autora como o processo de absorção corporal das normas e práticas sociais sobre o corpo e seu uso (p. 12). Connell propõe entendermos as formas como os corpos participam das dinâmicas sociais bem como de que modo estas dinâmicas impactam sobre o corpo. Ao reconhecer a agência dos corpos não apenas em sua materialidade, observa-se novas possibilidades corporificadas, experiências, limitações e vulnerabilidades para as pessoas. Assim, a deficiência é algo que surge no tempo cujas culturas constroem afirmações ou negações como, por exemplo, descartes, corpos abusados ou com poderes especiais em processos de cura recebendo status de valor. Em seguida, descreve como tentativas de reforma dos regimes de gênero por meio do Estado foram bem-sucedidas embora muitas divisões de trabalho continuem fortemente generificadas, sobretudo nas investigações de Connell entre servidores públicos e sobre a cultura organizacional.

“Homens e Masculinidades” é o tema da segunda parte, a qual se volta para questões sobre os homens, assim como leva em consideração as políticas da masculinidade e a reforma de gênero. Para Connell, o conceito masculinidades representa um modo de viver e pensar que se difunde como elemento de direção o controle mesmo que não consciente, nas quais homens e meninos são controladores de acesso à igualdade de gênero. Estas pesquisas apontam para as cambiantes e conflituosas construções sociais das masculinidades. Nesta discussão Connell apresenta um estudo de caso sobre empresários no poderoso setor financeiro da economia, e aborda o caminho pelo qual a masculinidade se estrutura na ordem mundial de gênero. Para ela, os padrões de masculinidades “são criados por meio de um processo histórico com dimensões globais” (p. 94) atravessados pela classe, raça, diferenças nacionais, regionais e geracionais.

As mudanças na ordem do gênero dependem também de apoios em meio a resistências. Para ela globalmente os homens tem muita a perder ao lutar pela igualdade de gênero porque ainda coletam os dividendos patriarcais (p. 98). Nas instituições, os homens ainda controlam coletivamente os instrumentos de coerção e os meios de violência. Porém, há também motivos para ter otimismo na educação escolar, em ações sociais de valorização da paternidade e em políticas de gênero entre homens. Connell acredita que a igualdade de gênero pode ser um empreendimento criativo e alegre

para os homens cujo projeto compreende altos princípios de justiça social e uma vida melhor para tod@s.

Na parte terceira da obra, a autora leva em consideração as vidas e os depoimentos de mulheres transexuais. A história de uma vida transexual, através de depoimentos orais, é relatada com detalhes perpassando algumas abordagens da psiquiatria e a política igualmente conturbada das relações entre feminismo e pessoas transexuais em relação a estabilidade ou não de seus corpos. A psiquiatria continua inferindo na vida das pessoas transexuais através do controle de acesso a transição médica assistida, muitas vezes com uma rígida política de conformidade de gênero. Também observa o medo destas pessoas em perder âncoras sociais dentro da ordem do gênero. A taxa de suicídio entre os transexuais é alta, pois se deparam com uma interação entre corporificação contraditória, conduta pessoal, relações interpessoais, significados culturais, instituições e dinâmicas políticas e econômicas. Técnicas de terapia feminista “em grupo podem ajudar muito mais na superação do isolamento e terror que são comuns para as mulheres transexuais jovens” (p. 221). Por fim observa que as transexuais sinalizam o potencial para destruir as categorias dicotômicas da sexualidade e do gênero.

Raewyn Connell é uma das mais reconhecidas sociólogas da área de gênero, e este livro leva suas ideias a um novo território, mostrando o poder da análise social de gênero. Na perspectiva desta autora, o feminismo desconstrutivista nos alenta para a subversão da identidade de gênero dicotômica e ruma para a invenção de novas identificações corpóreas.

Texto recebido em: 23/03/2017.

Texto aprovado em: 05/05/2017.